



* bacharel em Teologia;
licenciado em Filosofia;
especialista em História
Contemporânea na
Universidade Federal
Fluminense (UFF);
professor de Filosofia
da Secretaria de Estado
de Educação – RJ.
Membro do comitê
consultivo da Seção de
Língua Portuguesa da
Sociedade Internacional
Bonhoeffer – marcelo.
will@bol.com.br.

Inutilidade inerente da deidade: asseidade estética arreligiosa

Inherent uselessness of deity:
aseity aesthetic non-religious

*Marcelo de Souza Will**

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph.
Aforismos para introdução à filosofia da natureza e aforismos sobre filosofia da natureza; tradução e introdução de Márcia C. F. Gonçalves – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2010. 172 p. Aphorisms for Introduction to the Philosophy of Nature and Aphorisms on the Philosophy of Nature.

Embora não seja tarefa fácil, ao apresentar o trabalho de *Aforismos para introdução à filosofia da natureza e aforismos sobre filosofia da natureza*, tentaremos nos colocar na mesma “aventura” enigmática da natureza que se espelha no dualismo atrativo-repulsivo dinâmico da existência estética, onde cada expressão ou “solução” será tão inútil quanto ideal no devir.

Apontando também para a urgência da preocupação com o meio ambiente, os

Aforismos de 1806, concentram o essencial da filosofia da natureza de F.W.J Schelling. Nestes, seguindo o mesmo processo criativo, onde a afinidade entre a arte e a filosofia esclarece a opção pela forma de aforismo, Schelling permite ao próprio movimento da natureza se reproduzir no mistério de cada fragmento, no brilho da imaginação intuitiva, e na beleza da linguagem.

Mesmo não sendo nossa intenção esgotar todas as possibilidades de leitura desse texto recém traduzido do alemão pela professora Márcia Gonçalves (UERJ), tentaremos propor algumas explicações consideradas importantes para “elucidação” do texto. Para tão instigante missão, valeu-nos a tão esmerada introdução do livro feita pela professora.

Uma das coisas que precisa ser verdadeiramente esclarecida é o que Schelling quer dizer com o termo “infinito”. Para o senso comum e também filosófico, infinito é o que não tem fim. Para Fichte, Schelling e Hegel o termo alcança outro significado.

Embora a explicação do termo seja de crucial importância para entendimento do texto, e sua utilização perpassar toda obra, não se restringirá a um único significado, como fica evidenciado pela última nota de Schelling no livro. Lá ele mostra como em poucas vezes, o termo “infinito” toma o sentido de “sem fim”.

Na verdade não há dúvidas de que a aplicação principal do termo “infinito” também se explique pela idéia de não ter fim, mas desde que o infinito seja sem fim por ser “finalizado”.

Em alguns aforismos, Schelling deixa bem claro qual é a acepção do termo “infinito”. Em língua portuguesa existe um termo que parece expressar melhor o que Schelling quer dizer com “infinito”: é o termo “inútil”. Se não, vejamos: “O verdadeiro infinito não consiste em uma ausência de forma, mas naquilo que se limita em si mesmo, que é concluído e consumado por si” (17^a);

“Deus não é o supremo, mas o propriamente uno. Ele

não deve ser visto como o topo ou o fim, mas como o centro, não por oposição a uma periferia, mas como tudo em tudo. O supremo também é um tal centro apenas em relação a algo inferior. Deus, contudo, é pura e simplesmente o sem-relação, o afirmável unicamente a partir e por meio de si mesmo” (50);

“Deus não tende para nada, nem Nele, nem fora Dele, pois Ele é todo bem-aventurado; Ele não causa nada, pois Ele é tudo” (77a); “Esta ideia da infinita autoafirmação do infinito ser-por-si-e-a-partir-de-si-mesmo é tão simples quanto é difícil para o entendimento, que tem sua essência apenas em oposições” (78a);

“De igual valor, ou seja, totalmente contraditória, é a representação de um emergir do absoluto para fora de si mesmo. Se Deus pudesse sair para fora de Si Mesmo, então Ele não seria justamente por isto nem Deus, nem absoluto. A absolutez ou a autoafirmação infinita é muito mais o eterno retorno, não como ação, mas como o ser e a subsistência eternos de Deus em Si Mesmo” (79)

Inútil significa “o que tem o fim em si mesmo”. Útil seria “o que tem o fim no outro”.

Com riqueza de pormenores, Schelling apresenta aquilo que ele considera ser “conteúdo principal da ciência da razão universal ou da doutrina do universo” (p. 90).

Qual é esse conteúdo principal? “A investigação sobre a relação da existência finita com o infinito ou com Deus” (p. 90). Para aqueles que se “perderão” na tentativa de entender e unir os vários aforismos, Schelling sintetiza-os nas “observações gerais a respeito da doutrina da relação do finito com o infinito” (p. 90), e nos aforismos CCXLIII ao CCXLV.

Seguindo essa ordem, e levando em consideração nossa proposta de interpretação do que é infinito, baseada nos próprios esclarecimentos de Schelling, temos:

I. Deus se afirma em sua inutilidade. Como tudo é uma afirmação de Deus, tudo é inútil, sem-relação e eterno.

II. A finitude ou a utilidade consiste nas relações de troca, “que Deus não pode lhes dar, nem pode afirmar positivamente nelas, mas também não pode [lhes] tomar (mesmo que ele possa pô-las como nulas em relação a si)” (p. 90). Ou seja, só Deus é totalmente inútil (87). Como cada finitude é com o infinito, cada finitude é eterna, “tal como a sombra, [que] é simultaneamente com o corpo, sem obviamente ser algo de essencial” (91).

III. Quando uma essencialidade “utiliza” uma outra essencialidade, ela se “inutiliza”. Torna-se absoluta, separa-se de Deus.

IV. Nessa existência separada de Deus é que há um tempo. “Em relação a Deus, contudo, as essencialidades das coisas são em si mesmas eternas, e, com estas, são também igualmente postas, atemporalmente, suas possíveis relações infinitas umas às outras” (p. 91). Portanto, há, também, eternidade no tempo (CCXVIII).

V. “O finito não pode ser separado do infinito, porque ele nada seria em si, uma vez que se baseia apenas em relações” (91). Ou seja, ser infinito é ter o finito em si. É ser inútil, mesmo quando se é útil. Portanto, o finito não é infinito, e só é infinito por que o infinito é finito.

Diante desses pontos, vamos tentar apresentar somente algumas idéias, que na sequência do livro, poderão ser úteis.

É importante frisar, que Schelling inicia mostrando que a razão não é útil: “Não há nenhuma revelação superior àquela da divindade do todo...” (1a). Schelling faz distinção entre entendimento e razão. O entendimento está na abstração. E indo contra o entendimento, usa o entendimento para dizer o que é a razão. A razão é Deus, ou melhor, Deus é a razão. “A razão não é nenhuma faculdade, nenhum instrumento e não se deixa utilizar. Em geral, não existe uma tal razão, a qual possuíssemos, mas apenas uma razão que nos possui” (46a).

É próprio da razão a sujeito-objetivação. Nada no universo “... é meramente predicante ou meramente predicado, mas que ele é eternamen-

te e em tudo apenas um, aquilo que se afirma a si mesmo e é por si mesmo afirmado, que se manifesta e é manifesto por si, em suma: que nada que não seja absoluto (36) ou que não seja divino é verdadeiro” (39b). Pois, “... existe uma vinculação divina do conhecimento...” (Vinculação – Gebundenheit; 54). “Assim, a circunferência do círculo pode ser considerada como um ser, mas, como ser, ela inclui em si um agir, a saber: o absoluto autoconhecimento da unidade como totalidade” (62b). Esse agir que é um ser (a identidade absoluta dos elementos subjetivo e objetivo) é “o ser-uno total” (67b).

Como “exemplos do absoluto ser-uno de opostos...” (69a) ele apresenta a matéria – dentre os possíveis exemplos que “são oferecidos necessariamente por toda a natureza, e, em abundância, por todas as ciências” (69a; 68), e eu citaria contemporaneamente na filosofia do direito, Kelsen (norma fundamental) e Hart (regra de reconhecimento); e na teologia, Dietrich Bonhoeffer (Perante e com Deus, vivemos sem Deus) – como inteiramente e em cada ponto como expansiva e atrativa, ou vice-versa (69b).

Gostaríamos de propor uma expressão que sem negar a ideia de “inútil”, pudesse incluir essa dinâmica vital. O último termo dessa expressão tem o sentido de “derramado”. Essa expressão poderia ser – não necessariamente na mesma ordem: Inútil-sutil-fútil (LVIII). Na segunda parte do livro as questões próprias da “filosofia da natureza” serão melhor abordadas. As apresentaremos depois.

Para corroborar sua ideia, Schelling apresenta a ideia do círculo, que, aliás, é importantíssima para mostrar o que é a identidade absoluta. “A ideia do círculo é puramente simples e indivisível” (71; XXXVII).

“O universo é, portanto, a pura realidade, posição infinita de posições, as quais são elas mesmas, de novo, infinitas, sem qualquer negação” (95; CLXX). Ou seja, Deus cria o universo que se cria (96). Ele é o incriado-recreado.

Nada surge de Deus, de sua autoafirmação. Tudo é irradiação de

Deus: usando uma imagem de Leibniz, "... fulgurações da afirmação infinita, que, assim como só poderiam ser nela e com ela, do mesmo modo só são também em si mesmas" (101). Tudo é inútil no Inútil (102).

Quando o inútil (posição) no Inútil se inutiliza quando utiliza outro inútil (posição), ele se torna útil (decomposto, dependente e carente; 108, 109).

"O modo adequado de considerar as coisas é apenas o seguinte" (119a): contemplar cada uma em sua inutilidade e a utilidade só na inutilidade ou a inutilidade até na utilidade (119; 151; CXXXVI).

"No devir e perecer das coisas, o universo intui sua própria vida sagrada e infinita" (131). O tempo é produto da unidade (do inútil que é útil; 140). O espaço é produto da infinidade (do útil que é inútil; 143).

"Tudo que é, é por meio da confirmação (Bekräftigung) da palavra eterna, e tem sua própria melodia em si mesmo e por si" (158).

"O fruto dessa consideração é a perspectiva de que o finito, de modo eterno, não pode ser verdadeiramente; de que somente [o] infinito é, a posição absoluta, eterna de si mesmo, a qual é Deus e, enquanto Deus, o universo" (161). Na identidade divina cada um é por si e não é sem o outro (162). No amor eterno, se é por si, somente dentre e com os outros (163; CXCVI). A unidade na infinidade é o fundamento da natureza (170). Deus é unidade e infinidade; objetivo e subjetivo; centro e circunferência (175).

Em relação às coisas, existem três diferenciações possíveis delas na relação da unidade e da infinidade (185): ou se pertence mais à infinidade, ou seja, do útil que é inútil (186); ou se pertence mais à unidade, ou seja, do inútil que é útil (187); ou se subsiste em equilíbrio (infinidade e unidade), ou seja, do inútil-que-é-útil-para-ser-inútil-porque-é-inútil (188; 221), que, aliás, será o espelhamento da natureza no absoluto que Schelling quer propor (XXX; XLIV; L; XCI; XCII; CXXXVII; CXLVIII).

Como a inutilidade da deidade é inerente (224), ou seja, é da na-

tureza de Deus, e por que é da natureza de Deus, é da natureza em si (deidade – do Deus que se materializa), Schelling conclui que ela se expressa, primeiro, por meio da matéria (sutil – gravidade que é força centrípeta; CCV); segundo, por meio do movimento (fútil – luz que é força centrífuga; CCV); terceiro, por meio do organismo (Inútil – identidade natural; 189) – que não é terceiro, mas é o primeiro (195; p.25), desde que nenhum seja nem primeiro, nem segundo, nem terceiro.

Essa hierarquia é uma sequência de potências (191; CCXLII). Todas as coisas são formadas pela essência unitrinitária (192). No aforismo 195 ele descreve bem esse processo. Lá percebe-se que o organismo é o Deus que será ou é (dependendo do ponto de vista: no tempo ou na eternidade) tudo em todos (215; 221). Porque o fim de cada um é ser (IV), e ser uma vida do infinito (VIII; CLXVII):

“[No momento em que] vires a plenitude da existência (Existenz), tal como ela é por si mesma – sem medida, nem finalidade -, então tu reconhecerás também o laço interior e divino das coisas e a maneira como elas se tornam unas entre si por meio da unidade da essência, à qual pertencem” (XVI; XVIII; XXVIII).

As relações ligadas exteriormente, por meio do espaço, do tempo, do contato etc., são apenas uma sombra do eterno encadeamento e presença recíproca no Inútil (XXI; XXIII; XXIV). “A hierarquia das coisas é uma hierarquia da centralização, de modo que em Uma coisa e em seu conceito, [em] sua alma, estão contidas sempre muitas coisas e, finalmente, todas as coisas” (CCI).

Como nada pode escapar a Deus, diríamos que muitos assuntos do livro escaparam. E que, depois de tentar subtrair em vão ou com sucesso a sua fama de “complicado”, por fim, vemos que a proposta de Schelling – antecipando as discussões de nossa época – é mostrar que o Deus que é relegado a inútil (abjeto) é Inútil (sujeito-objeto) por ser inevitavelmente em si a vinculação-atração com o próprio mundo que o relegou religado. E que, sendo Natureza, dissolve em si, em sua dinâmi-

ca sutil-fútil, sua inutilidade que se abre na retração que abrange o Todo, e que no Todo se expande naquilo que se fecha mesmo naquilo que se abre. Pois o que nos fundamenta é sempre o arreligado que se religa na relegação.